

TEOLOGIA À SERVIÇO DA LIBERDADE
THEOLOGY IN THE SERVICE OF FREEDOM

Edevilson de Godoy*

Recebido em: 14/09/2023

Aprovado em: 25/10/2023

DOI: 10.57147/espacos.v31i1.898

Resumo: O artigo estuda a “teologia complexa” de Juan Luis Segundo. Inicia com o método antropológico e a realidade sociológica, para através do “círculo hermenêutico” acolher a revelação em cada realidade histórica. Apresenta-a como “processo educativo” em que se aprende a aprender a autocomunicação de Deus desde a Bíblia como resposta para os problemas concretos da vida. A revelação não é ditado divino de conteúdos abstratos e positivistas, e sim, comunicação dinâmica e atual de Deus para iluminar o processo de humanização. Procura desconstruir a dependência da teologia com qualquer ideologia dominante à serviço da manutenção do *status quo*. A revelação é sempre uma mensagem a serviço da vida e da liberdade em prol da justiça e da humanização.

Palavras-chave: revelação, círculo hermenêutico, processo educativo, liberdade, humanização, fé.

Abstract: The article studies the “complex theology” of Juan Luís Segundo. It starts from the anthropological method and the sociological reality in order to, through the “hermeneutic circle”, shelter the revelation in every historical reality. It presents it as an “educational process” in which one learns to learn God’s self-communication from the Bible as an answer to concrete life problems.

Revelation is not a divine dictation made of abstract and positivist contents.

Instead, it is a dynamic and current communication of God to illuminate the process of humanization. It seeks to deconstruct the dependence of theology on any dominant ideology at the service of maintaining the *status quo*. Revelation is always a message at the service of life and freedom for justice and humanization.

Keywords: revelation, hermeneutic circle, educational process, freedom, humanization, faith.

Introdução

O jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo (1925-1996) desenvolveu uma teologia ampla e complexa em que apresenta a revelação de maneira dinâmica e libertadora pelo método antropológico. O cristão, utilizando-se da sua capacidade interpretativa, fiel à liberdade e à fé, busca ouvir o que Deus lhe revela em cada momento da vida. A “teologia complexa” é precioso contributo aos diversos esforços pastorais que optaram por uma fé cristã mais madura, ética, encarnada no compromisso com a história.

* Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP e professor no ITESP.

A relevância na humanização da pessoa e da sociedade garantida, sobretudo, pela liberdade humana, atribui à obra de Juan Luis Segundo importância fundamental para a Teologia da Libertação na América Latina e também para o diálogo com a modernidade no cenário internacional. Seu trabalho propõe-se ajudar o ser humano a libertar-se dos mecanismos de opressão presentes na sociedade e nas próprias instituições religiosas. Preocupa-se com os problemas vividos no tempo presente, especialmente aqueles latino-americanos. Acredita que toda experiência de Deus relaciona-se à busca de sentido existencial que sustenta a luta individual e comunitária pela construção de um mundo sempre melhor. A fé cristã não pode estar a serviço da manutenção do *status quo*, ou seja, o sofrimento e a opressão dos pobres naturalizando pela ideologia, mas sim, pela força da graça e do Espírito, construir uma nova ideologia completamente focada nos Evangelhos, capaz de colocar em movimento um processo de libertação e humanização.

Desde o início, seu trabalho contextualizou a teologia de maneira séria e profunda sem enquadrá-la em nenhum reducionismo. Inculturado na sua realidade uruguaia e latino-americana, dialoga com cristãos e não cristãos dispostos a se empenharem na luta pela construção de um mundo mais humano. Faz uma teologia em diálogo na direção da maturidade humana e religiosa. A própria definição dada à sua obra “teologia aberta” indica esse caminho a ser feito na fé, interpretação da Bíblia, liberdade e transformação da realidade.

1. Círculo hermenêutico

Esse conceito define seu método teológico como resposta às interrogações que o mundo moderno lança à teologia, especialmente à latino-americana, seu contexto de diálogo mais próximo. O “círculo hermenêutico” conduz-nos a quatro condutas teológicas: a) experimentar a realidade de uma forma que nos leve à suspeita ideológica; b) aplicar a suspeita ideológica a toda superestrutura ideológica em geral e à teologia; c) nova maneira de experimentar a realidade teológica que nos leva à suspeita exegética; d) novo modo de interpretar a fonte de nossa fé: a Bíblia. Trata-se de um sério

compromisso ético com a história, isto é, uma opção política e pastoral consciente, não há lugar para neutralidade teológica.

A realidade nos obriga a interpretar a revelação que, por sua vez, envia à transformação da realidade. Desta forma, Deus vai sucessivamente se autocomunicando para tornar o mundo melhor. O “círculo hermenêutico” apresenta duas exigências:

1- A atitude de suspeita diante das ideias e verdades estabelecidas, obrigando a teologia a descer ao chão da vida para tomar consciência dos problemas reais que atingem milhares de pessoas e a partir daí dar novas respostas;

2- A capacidade da teologia de mudar a interpretação das Escrituras a partir de uma situação nova que atinge a vida. Dar respostas novas para problemas novos.

Busca libertar a revelação de todo sistema que possa torná-la caduca. Deseja salvá-la das ideologias alienadoras que servem para a manutenção do *status quo*. Um método epistemológico que denuncia as contradições escondidas na religião, no dogma e na fé impostas como verdades absolutas. A suspeita é a categoria fundamental do “círculo hermenêutico”, diante dos sinais dos tempos, cabe-se suspeitar da teologia vigente e dos riscos que a mesma corre de legitimar opressões e alienações. A teologia aberta é questionadora até das verdades dogmáticas, uma vez que a suspeita está na base do seu método. Busca sempre novas respostas, despertar inquietudes e abrir novos caminhos. A revelação é a manifestação atual de Deus para a complexidade de cada momento histórico. A vida sempre coloca novas questões à teologia.

O círculo é a interpretação sempre renovada das Escrituras como resposta a uma realidade histórica situada. Esse trabalho hermenêutico é imprescindível para a construção do reino de Deus ensinado por Jesus de Nazaré. Partindo da situação real das comunidades ou do sujeito, volta-se à Bíblia para buscar a revelação divina para tal experiência. Esse método também abarca a liberdade criativa dos fiéis e o poder do Espírito Santo, através da Palavra interpretada e da resposta que a mesma suscita para realidades concretas de injustiça, opressão ou comodismos. O “círculo hermenêutico”, esclarece que a Bíblia nada tem haver com narrativas do Deus universal em vista de um ser humano universal. A revelação é sempre uma resposta localiza de Deus para iluminar e humanizar a vida. “A parcialidade está justificada, pois devemos encontrar – e chamar palavra de Deus – aquela parte da revelação que hoje, tida em conta nossa

concreta situação histórica, é mais útil para a libertação a que Deus nos chama e nos impele” (SEGUNDO, 1978, p. 42). O cristianismo é a religião da Bíblia. Cabe à teologia a missão de interpretá-la em cada realidade. Nesse sentido, não existe resposta terminada, estática ou imutável. O mundo está sempre em movimento, os problemas não param de surgir. A teologia, enquanto ciência da fé, tem como tarefa primordial, responder a partir da Palavra o que Deus nos pede para cada situação. “O círculo hermenêutico é a continua mudança de nossa interpretação da Bíblia em função das contínuas mudanças de nossa realidade presente, tanto individual quanto social” (SEGUNDO, 1978, p. 9). Trata-se de um processo de desideologização da teologia que contribui de forma relevante para a superação do pensar a-histórico, distante da vida e à serviço do *status quo*. Essa metodologia liberta a revelação e a fé de qualquer compromisso alienador ou a manutenção de conteúdos caducos, inserindo-a nos dramas do cotidiano.

2. Revelação: processo educativo

A revelação não se limita a conteúdos imutáveis ou certezas teológicas, trata-se de um processo educativo. Não significa ditado sobrenatural sobre o mundo natural com comunicações infalíveis a serem seguidas que anulam a liberdade humana na história. O método antropológico parte das lutas históricas por uma vida melhor. Portanto, não são conteúdos a-históricos para serem obedecidos, mas um evento educativo e humanizador. Revelação não é sinônimo de informações abstratas e desconectadas da realidade para serem obedecidas, mas ação educadora em que as pessoas aprendem a aprender e descobrem-se acompanhadas por Deus no desenvolvimento de sua plena humanidade.

A revelação não é mistério obscuro, mas comunicação divina em que o comunicador envia ao destinatário uma mensagem concreta e significativa para a existência. (SEGUNDO, 2000, p. 129). Ela é clara e não deixa margem para obscurantismos, não pode ser compreendida como um dado imutável a ser obedecido cegamente. A comunicação divina ilumina a existência humana na história, por ela dá-se o encontro entre o divino e o humano. Deus está em nós pela autocomunicação contínua da palavra de Jesus em nossa vida que revela o homem ao próprio homem.

Somos responsáveis pela construção histórica em que a revelação é a pedagogia de Deus que alfabetiza as pessoas a serem cada vez melhores. Sustentados pelo amor devemos aprender a caminhar rumo à humanização. Resgata a visão bíblica do humano como co-criador, desfaz a concepção estática, por ele considerada um entendimento imaturo de revelação, incompatível com o processo evolutivo. A revelação não terminou, continua ativa como respostas concretas às realidades do mundo a partir do Espírito.

A revelação não é um projeto anti-humanização, promotor de opressão. Mas, atividade pedagógica libertadora que desvincula a imagem de Deus de qualquer dominação colonialista. “[...] Deus não parece se preocupar com o fato de revelar algo que seja verdade em si mesmo, verdade eterna, verdade inalterável, mas que se torne verdade na humanização progressiva do ser humano” (SEGUNDO, 2000, p. 404). O Criador é visto como pedagogo que promove a pessoa, conduzindo-a para o crescimento e a tomada de consciência da própria realidade. O Onipotente ajuda-nos com seu amor na construção de mundo mais humano a partir da Sagrada Escritura, particularmente, do evento histórico Jesus de Nazaré, nos Evangelhos.

A revelação que Deus faz de si próprio não consiste em acumular informações corretas a esse respeito. É um “processo”, um crescimento em humanidade, e nele o ser humano não aprende “coisas”. Aprende a aprender. Exatamente como em toda pedagogia: guia-se uma criança (essa é a etimologia da palavra) para que aprenda a buscar a verdade usando da experiência e, nessa, de seus próprios equívocos e erros. Essa é a “infallibilidade” que Deus prometeu à sua Igreja. Contrariamente, não é irrelevante que use o adjetivo “verdadeiro” para caracterizar não o “primeiro nível”, o das informações, mas o segundo nível, o da “pedagogia”. (Idem, p. 405). Revela a verdade que a pessoa pode aprender dentro da sua realidade histórica. Muda completamente a perspectiva saindo do ditado divino ou de ordem estática.

3. Antropologia, fé e ideologia

A fé não é apenas obediência cega de ensinamentos dogmáticos, mas ato aberto e complexo de aprender a vontade de Deus para cada etapa da vida. Ela coloca-nos a

responsabilidade de transformar a realidade atuando na construção de uma sociedade mais humana.

Na obra de Segundo há dois conceitos de fé que acabam se relacionando em muitas situações, às vezes de forma explícita, noutras implícita, são eles: fé antropológica e religiosa. O primeiro está ligado à estrutura valorativa e de significação, refere-se ao sentido da vida. Sua função é estruturar a existência, significá-la, ter clareza das coisas pelas quais se acredita que vale a pena viver, constitui-se a dimensão fundamental da vida. “[...] a fé de que falamos aqui é cada estrutura significativa de uma existência humana. A falta de fé desorientaria” (SEGUNDO, 1983, p. 45). A fé antropológica não é religião, mas uma realidade natural da condição humana.

Como explicar este compromisso com o inverificável, a não ser falando, em sentido muito preciso, embora antropológico e não teológico, da fé? De uma fé absolutamente geral, compartilhada por crentes e ateus e sem a qual nenhum homem elaboraria um projeto existencial onde alguns valores condicionam outros até chegar a um valor incondicionado, absoluto? (SEGUNDO, 1975, p.86).

A fé antropológica responsável por dar sentido à vida da pessoa requer um outro elemento que a complemente: a ideologia. A fé começa ensinando-nos qual é o valor a que se deve confiar a vida inteira; mas em seguida temos que estruturar também o resto. Teremos que aprender para isso quais os outros valores que são conducentes para o primeiro, e em que medida; que preço podemos pagar e que preço não devemos pagar por qualquer realização parcial, sob pena de destruir a finalidade para a qual nos dirigimos. (SEGUNDO, 1983, p. 11).

A fé antropológica, enquanto universo simbólico capaz de significar a existência e impulsioná-la na direção da felicidade, necessita desse arcabouço narrativo para atingir seu objetivo. Neste ponto, pelo caminho antropológico, dá-se o encontro entre fé e ideologia (SEGUNDO, 1978, p. 108). A fé é uma opção fundamentada na busca de sentido e a ideologia é o instrumento narrativo para a vivência e anúncio da fé; uma depende da outra. A fé sem ideologia permanece fechada e abstrata, pela ideologia torna-se práxis histórica, utópica e querigmática. A ideologia por sua vez depende da fé para ganhar dimensão simbólica-transcendental própria das religiões. “Reconhecemos uma ideologia por suas não pretensões a um valor objetivo (...) reconhecemos, por outro

lado, uma fé por suas pretensões a um valor absoluto”. (SEGUNDO, 1978, p. 122). A fé é um processo libertador e se converte assim em liberdade para a história, isto é, liberdade para as ideologias.

A fé depende da ideologia para ser vivida e anunciada, porque essa lhe dá eficácia, faz com que seus valores se encarnem na história. Uma fé que rejeita as ideologias é morta. No caso cristão não teria sentido ter fé se essa não conduzisse o crente a orientar sua vida rumo à realização, na história, de seu valor absoluto. Não tem sentido ter fé se não se utiliza das ideologias para sua realização. “Se a fé é uma só, apesar da diversidade histórica, deve existir hoje, como no passado, uma ideologia que a expresse estendendo uma ponte entre ela e nossa situação (SEGUNDO, 1978, p. 208). A fé é aprender a criar ideologias para a transformação das mazelas sociais, não é apenas obedecer a conteúdos, mas um “aprender a aprender” narrativas para penetrar no mundo dos homens levando justiça e humanização.

Juan Luis Segundo quer libertar a teologia do racionalismo violento, autoritário de interpretações positivistas e anacrônicas de fé, de revelação e de Jesus sobre o tempo presente. Denuncia a manutenção de uma eclesiologia que concebe a fé como um meio direto de salvação eterna, e as ideologias, pelo contrário, como opções humanas que podem ameaçá-la. A fé encarnada em sucessivas ideologias, constitui um contínuo processo educativo no qual o ser humano aprende a vontade de Deus. Por isso não podemos jamais reduzir a fé a um determinado livro ou páginas da Bíblia, credo ou dogma. Todos esses elementos mostram o caminho da fé, mas não podem dá-lo por percorrido. Para Segundo, é necessário desideologizar a teologia, libertando-a do racionalismo ortodoxo e do fundamentalismo cristão e de qualquer entrave que impeça a revelação de Deus em favor do ser humano carente de vida e dignidade.

Entre fé e ideologia existe sempre porosidade recíproca com aprovação e rejeição. A própria fé cria ou se apropria das ideologias para dialogar com o mundo; a ideologia, por sua vez, utiliza-se da fé para penetrar no espaço simbólico-religioso da condição humana. A teologia e a pastoral foram ideologizadas com objetivo opressor ao longo da história. Muitas vezes o cristianismo serviu às elites na manutenção do *status quo*, favorecendo-se de uma teologia ideologizada para explicar políticas excludentes e

banalizou o sofrimento dos pobres. Por isso, faz-se necessário libertar a teologia de toda interpretação subserviente a interesses díspares ao Evangelho.

Constamos duas formulações sobre ideologia na obra de Segundo. Numa primeira fase, apura-se a presença de uma noção marxista da mesma, como sistema de ideias que esconde as mazelas do capitalismo, fazendo as pessoas acreditarem na naturalidade das contradições de classe. Entende que o serviço da teologia é desideologizar a fé, para isso, requer a contribuição da sociologia. Propõe o método marxista para a tarefa de libertar a religião do labirinto ideológico. Desenvolve uma interpretação negativa de ideologia como sistema que oculta as raízes da exclusão. Todavia, com o avançar de seus estudos, constata que a sociologia marxista não abarca a amplitude do fenômeno religioso. A visão de Marx sobre religião seria limitada, diante disso, sugere um conceito mais largo de ideologia. Ampara-se em Karl Mannheim, para o qual, “ideologia seria sistema de fins e meios que é condição necessária para a ação humana” (SEGUNDO, 1978, p. 111). Nesta segunda fase, compreende ideologia desde uma dimensão antropológica:

Chamaremos ideologia a todos os sistemas de meios, naturais ou artificiais, em vista da consecução de um fim (...) Ideologia é um conjunto sistemático daquilo que queremos de maneira hipotética, não absoluta: em outras palavras, é todo sistema de meios. (SEGUNDO, 1985, p.21)

Na fase madura, o teólogo uruguaio, adota uma perspectiva mais ampla seguindo o viés antropológico da eficácia. Neste caso, ideologia passa a ser entendida como narrativa necessária para a comunicação humana, inclusive, aquela religiosa. Essa tem o poder de agrupar, integrar ou dividir e manipular; trata-se de uma realidade inerente à condição humana.

[...] a ideologia se presta a dois usos bem diferentes, que vão definir a sua relação crítica com a fé. No momento em que ela carrega germes libertários, com conteúdos válidos, a ideologia tem a função de mobilizar forças revolucionárias para criar uma nova situação. [...] no momento, porém, em que o processo revolucionário terminou e entra em fase de institucionalização, cristalização, a ideologia inverte a sua função social. Passa a ser força justificadora da dominação presente, defensora da situação, apresentando, como válidos para todos, os interesses daquele grupo que detém o poder. (LIBÂNIO, 1985, p. 58)

A visão tradicional que separa fé e ideologia de maneira quase maniqueísta em que cada grupo combate o outro tentando suprimi-lo é superado por Segundo. Propõe nova relação entre ambas a partir da fenomenologia, desde o método antropológico; inspirado por Camus na obra “Calígula”. Esta busca da realização torna-se o fundamento da antropologia do teólogo em que a utopia demanda confiança e esperança. Acredita na necessidade de uma estrutura de significação existencial para se caminhar na direção do sonho. Define esse processo humano como fé antropológica universal. Esta estrutura de valores que impulsiona a caminhada histórica é inerente ao ser humano. Na infância a criança projeta sua confiança nos pais e educadores, algo inocente desprovido de questionamentos. A partir da juventude dá-se a autodescoberta do eu quando desabrocha a fé antropológica possibilitando a construção dos sonhos que significarão a própria história. Essa fé pertence à condição humana independente de religião, etnia ou cultura; cristãos, budistas, muçumanos, materialistas históricos e ateus secularizados a possuem.

Mas qual a relação entre uma fé antropológica e uma fé religiosa, ou, mais especificamente, a fé cristã? Para o jesuíta, os teólogos apressam-se na diferenciação dessas duas dimensões; acredita que a primeira pode tornar-se a segunda sem perder sua estrutura própria de valores. Normalmente se analisa essa relação no viés tradicional em que a religiosa significa a superação da antropológica ou quando a fé existencial possui características não atribuíveis a Deus. Opta pelo segundo caso, pois nossa fé em Deus é comunicada por testemunhas históricas, isto é, os valores éticos da fé antropológica conduzem-nos até o Evangelho.

A ideologia é a interpretação da Palavra de Deus dirigida aos cristãos que deve nos interpelar na realidade complexa dos nossos dias. Como visto, trata-se da “contínua mudança na interpretação bíblica em função das contínuas mudanças de nossa realidade presente, tanto individual quanto social” (SEGUNDO, 1978, p. 9). O “círculo hermenêutico” é a disposição para interpretar a revelação em cada nova conjuntura histórica da existência e da comunidade. A realidade exige sempre uma nova interpretação desde a fé para construir nova práxis histórica. A teologia deve sempre visitar a vida real do povo e buscar humanizá-la, ou seja, dar respostas novas para situações e problemas novos.

Para o jesuíta uruguaio, a teologia não pode ser estranha à promoção da liberdade e do amadurecimento político da pessoa em vista da sua existência na sociedade. Seu método teológico exige uma fé madura e comprometida na construção de uma sociedade mais humanizada.

Na senda de Segundo devemos sempre preocupar-nos com a “libertação da teologia”, para que a mesma não se torne instrumento ideológico legitimador dos interesses da elite, do sofrimento dos pobres ou da degradação ecológica. Devemos apropriar-nos de narrativas que viabilizem o diálogo na direção de um mundo mais humano. “Libertar a teologia” significa ajudar os cristãos em diálogo com a modernidade a cuidar dos vulneráveis, dos refugiados, dos moradores de rua, dos descartados em geral. Exigir um Estado presente com políticas portadoras de mais humanidade para esse povo, mais direitos, educação e saúde; respeitar a criação, obra das mãos de Deus, duramente atacada pela voracidade do mercado capitalista. A teologia, para ser fiel ao Jesus histórico tem que estar a serviço da vida, jamais ao lado do grande capital fazedor de vítimas por todas as partes.

Na herança da “teologia inquieta” devemos abrir-nos à pedagogia da revelação pelo “círculo hermenêutico” para compreender o que Deus nos pede neste momento da história. Assim, a fé oferecerá contribuições valiosas para a libertação e humanização. Deixa claro que o Deus da Bíblia está do lado da liberdade, da justiça, da vida digna e não do poder opressor. Isso significa que a teologia no início da segunda década do século XXI, deve ajudar os cristãos a compreenderem o que a vontade do Deus criador do mundo, Abbá de Jesus Cristo, está nos revelando.

4. Teologia política

Toda teologia é política porque é sempre ação e amor efetivo. E, sendo assim, aponta a mudança da opção teológica racionalista, estática e desvinculada da liberdade para uma nova postura política que iluminaria a consciente reflexão teológica capaz de oferecer respostas às questões do presente, sem anular a liberdade. A teologia depende de uma escolha prévia motivada pelos desafios da realidade histórica.

A Teologia deve estar a serviço dos seres humanos que buscam desde a fé comprometer-se com a construção de uma sociedade mais humana. Quando se parte de certezas, aquelas teológicas se nos desfazem entre os dedos, porque não estão feitas para suprir a retidão do coração humano como fonte primeira de todo juízo histórico. A reflexão teológica é consequência da realidade histórica. Portanto, resposta hermenêutica desde a fé, a Bíblia e oração para os dramas reais da vida. O ponto de partida não é a Sagrada Escritura ou o dogma; mas os problemas existenciais e sociais. Do chão da história para a espiritualidade, do humano para o divino. Juan Luis Segundo lembra que a própria construção literária dos Evangelhos se deu nessa perspectiva. Posto que não são provas fidedignas do que disse o Jesus histórico, mas testemunhos da comunidade primitiva que após a crucificação e ressurreição interpretou a vida e missão do Senhor. Da mesma forma, os cristãos de hoje devemos discernir a comunicação de Deus para cada situação específica.

A teologia política é o esforço a partir da fé para resolver os problemas reais da comunidade. Nesse sentido, o teólogo é crítico de qualquer eclesiologia que pensa em si mesma como superior, detentora de verdades absolutas e recados imutáveis de Deus aos seres humanos. Uma igreja desligada do processo histórico, legitimadora de opressão e desumanização não é capaz de ajudar os cristãos e descobrirem a autocomunicação de Deus no hoje da história.

A teologia política consiste no processo pedagógico de ajudar a comunidade em suas lutas libertárias. Nesse caminho dá-se o encontro com o transcendente. Sua “teologia complexa” foca nos problemas do tempo, especialmente os da América Latina. Acredita que a experiência de Deus está profundamente relacionada à busca da realização humana. No embate dos cristãos rumo ao sentido da vida e na solução das suas mazelas, insere-se a teologia como luz divina na rota da libertação e da humanização.

Conclusão

A revelação não consiste em informações prontas, a-históricas impostas do céu à terra. Mas, um processo educativo, humanizador e existencial em que a pessoa aprende a aprender a vontade de Deus para cada realidade da vida. Sente-se conduzida por Deus como ser livre e co-criador rumo à própria realização. Não é conteúdo imutável ou obscuro para ser obedecido cegamente. Mas, luz que dá sentido, respeitando a liberdade. Não é algo acabado, fechado, ou ainda, um ditado divino de verdade absolutas. Ao contrário disso, trata-se de um processo contínuo onde a pessoa descobre gradativamente a vontade de Deus que sempre a interpela a assumir novas responsabilidades na direção do amor, da justiça e da humanização.

Nesse sentido, justifica-se o título deste artigo: Teologia a serviço da liberdade. O pensamento de Segundo apresenta aos cristãos e à Igreja a responsabilidade de, a partir da realidade pessoal e comunitária, buscar na Bíblia, pelo método hermenêutico, a novidade profética da autocomunicação de Deus para o hoje da vida. Isso demanda consciência social, fé, interpretação e tomada de decisão. Por isso, uma teologia a serviço da liberdade que ajuda na construção de um mundo mais humano.

O jesuíta uruguaio sempre olhou para os problemas dos seres humanos e do mundo desde sua condição de cristão, sacerdote e teólogo. Desenvolveu uma teologia aberta e em diálogo com a modernidade, consciente das situações de opressão e alienação provocadas pelo capitalismo na segunda metade do século XX; denuncia as narrativas teológicas indiferentes à realidade dos oprimidos que naturalizam o sofrimento dos pobres. Pede a libertação da teologia de estruturas anti-cristãs subservientes ao interesse das elites. Fazer teologia seria um “aprender a aprender” o que Deus nos revela em cada situação e buscar respostas para torná-la melhor. O teólogo nos deixou em 1996, numa época em que o capitalismo na América Latina era marcado pelo imperialismo americano, pela exploração das elites e por uma colossal desigualdade social. As camadas populares lutavam por avanços sociais e com a Igreja bem inserida nesse processo libertário. Neste momento da história, vale a pena retomar a discussão de sua obra para discernir o que Deus nos pede diante dos novos desafios que o mundo nos coloca na segunda década do século XXI.

Referências bibliográficas

LIBÂNIO, João Batista. *Fé e política: autonomias específicas e articulações mútuas*. São Paulo: Loyola, 1985.

SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.

_____. *O Dogma que liberta*. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. *Massas e minorias na dialética da libertação*. São Paulo: Loyola, 1975.

_____. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *Fé e ideologia*. v. 1. São Paulo: Loyola, 1983.